

A MATEMÁTICA ESCOLAR NA ÉPOCA DA COLONIZAÇÃO DOS POLONESES EM SÃO MATEUS DO SUL, PARANÁ.

Rosane Sousa Staniszewski
Universidade Federal do Paraná
zanestan@gmail.com

Resumo: Com o intuito de investigar como era a matemática escolar na cidade de São Mateus do Sul, no Paraná, na época da colonização dos poloneses, pretendemos elencar elementos para (re)constituir fragmentos de uma história esquecida – apesar dos esforços de uma cidade para a continuação das raízes e da cultura trazida pelos imigrantes poloneses ao município. Com vistas a cumprir tal objetivo nos valeremos de documentos escritos e também de depoimentos, coletados e tratados de acordo com os pressupostos metodológicos da História Oral, em sua vertente História Oral Temática. Iremos permear assuntos relativos à chegada destes imigrantes ao Brasil, a estrutura e o funcionamento das primeiras escolas polonesas, os primeiros professores, os aspectos relativos à Matemática, passando pela nacionalização do ensino na época em que as escolas étnicas foram proibidas e fechadas. A pesquisa de mestrado que estamos desenvolvendo nesta região buscará contribuir para o contexto geral da História da Educação Matemática brasileira.

Palavras-chave: História da Educação Matemática; História Oral; Nacionalização do Ensino; Colonização polonesa.

1. Introdução

São Mateus do Sul, cidade do Paraná, tem sua cultura marcadamente caracterizada pela colonização polonesa. Todo o mês de agosto é dedicado à cultura e aos costumes por meio da apresentação de grupos folclóricos, exposições de fotos, bailes e jantares, nos quais é rezado o Pai Nosso em polonês e também se executa o hino da Polônia. Há um programa de rádio dominical denominado *Tradycje Polskie*¹ com músicas polonesas, tudo isso para tentar preservar as raízes de um povo que colonizou e deixou marcas profundas até os dias de hoje.

Por ser uma educadora matemática e estar envolvida nesse cenário – já tive vários alunos de descendência polonesa – despertou-me a seguinte pergunta: Como teria sido a

¹ Tradução: Tradição Polonesa.

educação dos primeiros colonizadores, como eram as escolas, os professores, e como era ensinada a matemática nos tempos em que ainda se falava somente polonês e, depois, somente português pelo advento da nacionalização instituído por Getúlio Vargas no final dos anos trinta?

Há muitos esforços e tentativas em se preservar os costumes, a língua e a cultura polonesa, mas a respeito das escolas na época da colonização dos poloneses e como era o ensino restam pouquíssimos registros documentais e materiais: apenas a construção de uma das escolas ainda permanece em pé.

Portanto, são esses cenários fragmentados que nos trouxeram inquietações e nos levaram a realizar a pesquisa que está em andamento, do mestrado em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná, iniciado em abril de 2012. Concomitantemente à busca por documentos, utilizamo-nos das fontes orais e entrevistamos até o momento quatro pessoas² que, por meio das memórias, narraram histórias vividas naquela época. Toda essa conjuntura pretende trazer subsídios para tentarmos reconstruir e compreender parte da História da Educação Matemática nesta localidade.

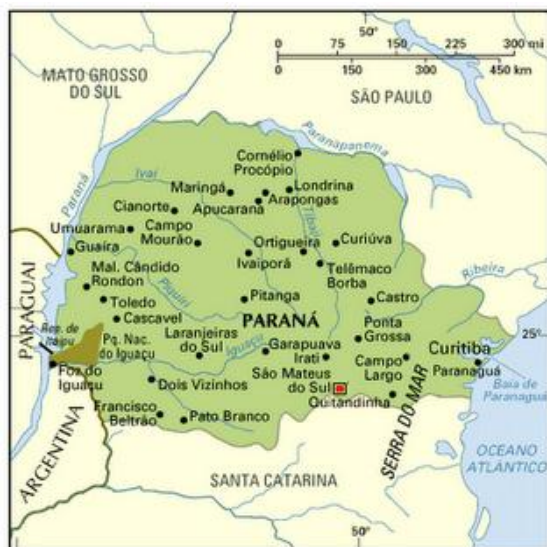
2. Sistema Escolar e o Ensino de Matemática

“O homem sem terra esmorece, como a árvore arrancada do solo” (KOSCIANSKI, 1970, p. 67).

São Mateus do Sul está localizado a 150 km de Curitiba, no Paraná e, primeiramente, foi colonizada por espanhóis e alemães. No entanto a chegada de muitos imigrantes de procedência polonesa à cidade no ano de 1890 modificou intensamente o cenário dessa população.

Inicialmente, a economia da colônia baseava-se na agricultura e no extrativismo, sobretudo da madeira e erva-mate, principais riquezas da região. Com o advento da navegação a vapor no Rio Iguaçu, São Mateus do Sul tornou-se o mais importante porto e centro comercial da região na época.

² Em relação as entrevistas e aos depoimentos faremos mais comentários adiante.



Devido a isso, foi transformada em município em 1908, pela lei 763 do dia 2 de abril, tendo sua instalação oficial se efetuado no dia 21 de setembro do mesmo ano. A vinda da empresa Petrobras à cidade ajudou, consideradamente no seu desenvolvimento. Hoje, dado o exposto, é intitulada Capital do Xisto, Capital da Erva-Mate e Capital Polonesa do Paraná.

Em nossa pesquisa procuraremos investigar e resgatar a memória desta comunidade colonizada principalmente por camponeses poloneses, que fugiram do domínio da Rússia, Prússia e Áustria, sofreram opressões de cunho político e religioso - inclusive com a desnacionalização dentro de sua própria pátria, uma vez que os países opressores instituíram o ensino da língua de dominação nas escolas, como o alemão. Deste modo, não poderiam mais exercer cargos do governo e até mesmo os sobrenomes foram modificados. Empolgados com a propaganda ludibriante dos agentes do governo brasileiro e pelos corretores da agência de imigração, (que eram remunerados por cada imigrante recrutado), vieram em busca de uma terra de riquezas, sonhos e dias melhores.

Iarochinski (2000) estima que, entre o ano de 1869 a 1934, aproximadamente 120.000 poloneses tenham chegado ao Brasil. Algumas pessoas o denominavam de *Nowa Polska* – Nova Polônia e este período, de maior fluxo de imigrantes das terras polonesas no Brasil, ficou conhecido como “febre brasileira”.

Os imigrantes traziam na bagagem suas histórias e esperança por dias melhores. O percurso que fizeram até chegar ao Brasil, vindos em navios entulhados e com higiene precária, foi parte do sofrimento e dor, com as perdas de entes queridos, principalmente, pelas doenças que se instauravam. Ao desembarcar, foram distribuídos especialmente pelos

estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Por ser um povo extremamente religioso, dizia a lenda

Que o Paraná até então estava encoberto por névoas e ninguém sabia de sua existência. Era uma terra em que corria leite e mel. Então a Virgem Maria, madrinha e protetora da Polônia, ouvindo os apelos que o sofrido camponês polonês lhe dirigia, dispersou o nevoeiro e predestinou-lhe o Paraná. Tal decisão a Virgem Maria havia comunicado ao Papa, o qual sensibilizado pelo destino da cristandade polonesa convocou todos os reis e imperadores da terra, para sortear a posse de tal território. Por três vezes consecutivas foi tirada a sorte, e sempre o Papa era o contemplado. Então o Papa solicitou ao Imperador brasileiro que distribuísse essas terras aos poloneses, para que a tivessem à fartura e ali pudessem viver felizes, expandindo o seu cristianismo. (ANAIS DA COMUNIDADE BRASILEIRO-POLONESA, 1970, p. 37)

Ao chegarem às localidades onde iriam iniciar a nova vida, cheios de temores, tiveram que aguardar ainda longos meses para que um pedaço de terra prometido fosse demarcado e, assim, pudessem desbravar a mata virgem e construir suas casas.

A maioria dos poloneses eram camponeses e só falavam polonês. Entretanto a necessidade de troca de produtos por outros bens e outros contatos com a sociedade exigiu que aprendessem a Língua Portuguesa. Em São Mateus do Sul, os poloneses se organizaram, construíram primeiro as igrejas e depois, pensaram nas escolas.

Neste contexto, as famílias assumiam o papel de educar os filhos, sendo primordial transmitir a eles as culturas religiosas, os costumes, a língua e as primeiras letras. Para os imigrantes poloneses era importante também mandar seus filhos para a escola para serem alfabetizados. Porém, por falta de auxílio e interesse do governo brasileiro em relação aos problemas dos imigrantes, como a necessidade de construção de escolas, - até mesmo porque sofria com a carência de escolas para os próprios brasileiros - os colonos perceberam que deveriam agir por si. Assim, “eles mesmos em parte analfabetos, esforçaram-se e tomaram a iniciativa de proporcionarem a seus filhos ao menos o conhecimento das primeiras letras e as quatro operações de aritmética” (WACHOWICZ, 2002, p.23), criando as chamadas Sociedades-Escolas.

Eram Sociedades Recreativas, aos domingos serviam de encontro das famílias que passavam a semana inteira no trabalho, locais em que comemoravam datas importantes, recebiam alguma autoridade e proporcionavam à juventude um lugar para se divertir, e durante a semana funcionavam como escolas. Os membros desta sociedade tinham que pagar uma taxa, por isso as festas e comemorações eram também uma fonte de renda para manter as despesas da escola e remunerar alguma pessoa que pudesse lecionar para as

crianças da colônia. Contudo, é importante lembrar que nem todas as famílias tinham condições de pagar a mensalidade para colocar suas crianças nessas escolas.

Esta instituição mista, ou seja, escolar-recreativa, é a primeira manifestação coletiva da aculturação do imigrante polonês no Brasil, obrigado que era, por força das circunstâncias, a procurar uma solução de seus problemas e, simultaneamente, sua integração no novo meio físico e social. (WACHOWICZ, 2002, p. 24)

No Brasil, era muito raro encontrar um professor polonês formado, por isso, no início, os membros das Sociedades-Escolas escolhiam pessoas da própria comunidade, as quais fossem considerados mais desenvolvidos por saber ler e escrever em polonês e assim, assumir provisoriamente esse papel de professor. Como as colônias ficavam distantes umas das outras, e o acesso era difícil, as escolas também eram praticamente isoladas.

Devido à falta de professores e por ter como característica principal do povo polonês a religião, a partir de 1904, as Irmãs de Caridade de São Vicente de Paula vieram da Polônia e se estabeleceram na área urbana em vários municípios do Paraná, entre eles São Mateus do Sul (1908), onde mantinham escolas polonesas e religiosas de grau primário.

No mesmo ano vem um outro grupo de Irmãs da Caridade, que assumem Prudentópolis. Em 1908 elas se estabeleceram em São Mateus. No mesmo ano as Irmãs da Sagrada Família abrem uma escola em Água Branca. Nesse período surge uma série de escolas leigas em todas as colônias do Paraná. (GLUCHOWSKI, 2005, p. 171).

Estas escolas tinham o prestígio dos colonos, pois confiavam nas religiosas, não precisavam se preocupar com a manutenção da escola, com a troca de professores que acontecia sucessivamente, e eram mais baratas que a Sociedade-Escola. Nos depoimentos coletados para esta pesquisa, além dos comentários sobre professores homens, percebe-se a presença marcante das Irmãs Vicentinas como professoras da época.

Duas Sociedades-Escolas fazem parte desta pesquisa, a Sociedade Casimiro Pulaski e a Sociedade Agrícola e Escolar do Emboque. A primeira localizava-se no centro da cidade, foi fundada em 1895 e a segunda na área rural, construída em 1934, sendo a única que ainda preserva sua construção, porém abandonada e sem utilização. A foto a seguir mostra como está a Sociedade atualmente.



Sociedade Agrícola e Escolar do Emboque

3. Nacionalização

Durante os primeiros anos no Brasil, o imigrante mantinha a educação à sua maneira. Renck (2009) afirma que, além de aprender a escrever e ler, os alunos aprendiam os cálculos matemáticos em língua eslava. Porém, em 1917, houve uma primeira tentativa por parte do governo brasileiro de nacionalizar o ensino. As escolas particulares estrangeiras que funcionavam no Estado deveriam ser obrigadas a ensinar em língua vernácula, a História do Brasil, Corografia do Brasil e a Língua Portuguesa. Ante o desconhecimento, ou pouca familiaridade com o português, muitos professores precisavam traduzir as lições da língua étnica para a língua nacional e passaram por dificuldades de adaptação. O prazo para essa adaptação se estendeu por mais um ano, enquanto isso, os professores deveriam participar de cursos em Curitiba para aprender a História e a Geografia do Brasil, depois realizavam um exame para continuar ministrando suas aulas, mas dessa vez, apenas na língua portuguesa.

Fato curioso ocorria com a cadeira de aritmética, matéria considerada pesada na escola primária, para a qual, devido à dificuldade de compreensão rápida e perfeita por parte dos alunos, o ensino era frequentemente realizado de forma bilíngue, o que beneficiava a aprendizagem dos alunos. (WACHOWICZ, 2002, p.72)

Gaertner (2004) conta na sua tese que em 10 de novembro de 1937, por um golpe de Estado, Vargas instaura a ditadura e impõe ao país profundas medidas estruturais, alegando que o objetivo principal era criar o sentimento de brasilidade. Ela acrescenta que

com a nacionalização centenas de escolas comunitárias particulares foram fechadas em Santa Catarina. O mesmo fato ocorreu no Paraná e em todos os lugares onde houvesse escolas particulares étnicas.

No Jornal Diário da Tarde, de 20 de abril de 1938, a notícia mostra como foi o decreto e como suas proibições foram impostas:

O presidente da República assinou em São Lourenço, importante decreto, extinguindo os partidos políticos estrangeiros no Brasil e dispondo também sobre o funcionamento das escolas, de sociedades e da imprensa mantido pelos estrangeiros. Proíbe-se em nosso país que esses elementos cultivem as ideias políticas de suas pátrias contribuindo desse modo para acentuar as dissensões nas colônias. (...) As escolas mantidas pelos estrangeiros ficam sob direta fiscalização do governo. As sociedades estrangeiras só serão permitidas de funcionar se fundadas ou mantidas para fins culturais, recreativas ou de assistência. (...) O decreto comina penalidades, entre as quais a da expulsão para os estrangeiros que não acatarem devidamente as disposições dessa lei. (2º DIÁRIO DA TARDE, 1938)

Em algumas poucas comunidades foram construídas escolas públicas e todas passaram a ensinar em língua nacional, entretanto, em muitos lugares as escolas étnicas particulares foram fechadas e não foram construídas outras em seu lugar, sendo que a escola mais próxima de algumas comunidades ficava a dezenas de quilômetros, trazendo como consequências o analfabetismo - que já era bastante considerável na época -, prejudicando ainda mais a aculturação dos imigrantes. Um de nossos depoentes relatou que não teve tanta dificuldade em assimilar a língua portuguesa pois onde morava já convivía com pessoas de diferentes nacionalidades, como o italiano, os espanhóis e os brasileiros, porém aqueles polacos³ que viviam mais isolados, sofreram com essa transição.

Muitas medidas repressivas foram tomadas contra aquele que não cumprisse a lei, como a prisão de professores, vistoria do material escolar, presença de policiais nas casas, destruição de obras literárias e documentos históricos. Era proibida a utilização do idioma estrangeiro em lugares públicos, inclusive em sermões das missas. Consta na ata de 31 de maio de 1938, da Sociedade do Emboque, a mudança do nome de Sociedade Polonesa Gabrjela Narutowicza para Sociedade Agrícola Escolar, confirmando esta coibição.

³ Embora o termo seja popularmente utilizado em tom pejorativo, optamos mantê-lo dessa forma seguindo a indicação de Iarochinski (2000) que defende que a palavra polaco é a tradução mais correta, pois polonês é derivado do francês polonais (pronuncia-se poloné). A utilização da palavra polaco é comumente utilizada entre os descendentes.

Criou-se um clima de tensão e medo na região colonial dos imigrantes e a identificação étnico-cultural e religiosa passou a viver tempos emudecidos, tendo que esconder sua própria identidade.

Foram muitos os esforços do governo federal e estadual para nacionalizar a infância e a juventude, por meio da escola, durante o Estado Novo. No espaço da escola, respeitava-se a legislação, e os professores evitavam falar ou ministrar aulas em língua estrangeira (...) Mas nem por isso deixou de haver resistências ante a adoção da língua nacional. Apesar da legislação em vigor, as comunidades não abandonaram o legado cultural. Frente à imposição de medidas que objetivavam a formação do cidadão nacional, nas escolas os alunos cantavam vários hinos brasileiros, aprendiam a língua nacional, festejavam as datas festivas do país, mas não esqueciam a cultura do grupo, suas manifestações e representações. (RENCK, 2009, p. 213).

A forma radical como foi implantada a nacionalização de Getúlio Vargas, no final dos anos trinta, – aplicada também a imigrantes de outras nacionalidades que já eram, de certa forma, marginalizada - deixou marcas guardadas na memória das pessoas que vivenciaram esse momento até os dias de hoje.

De acordo com Staniszewski (2006) e Souza (2001), foi através da oralidade e não através de livros, que foi passado a seus descendentes a herança social, num sentido mais amplo, os conhecimentos, técnicas, padrões de vida, como comportamento e atitude. As gerações atuais falam alguma coisa em polônês, porém, devido a todo esse processo, têm muita dificuldade em escrever.

4. História Oral

Tendo como objetivo norteador constituir uma versão da História da Educação Matemática na região de São Mateus do Sul, uma possibilidade seria nos atermos aos documentos escritos. No entanto, além de serem poucos, pois muitos foram destruídos, estes nos apresentariam apenas uma versão da história. Dessa maneira, inspiramo-nos nos trabalhos desenvolvidos pelo GHOEM⁴, e optamos também pela utilização de fontes orais, valendo-nos da metodologia da História Oral.

⁴ O Grupo “História Oral e Educação Matemática” – GHOEM – foi criado no ano de 2002. Pode-se dizer, hoje, que o interesse central do grupo é o estudo da cultura escolar e o papel da Educação Matemática nessa cultura. Assim, os temas abordados nos inúmeros trabalhos desenvolvidos no grupo são vários: abordam a formação de professores de Matemática, as narrativas, a História Oral, os manuais didáticos, instituições de vários níveis e modalidades de ensino nos quais atuam professores de Matemática e dos quais a Matemática faz parte, a História da Educação Matemática, a análise de livros antigos e contemporâneos – didáticos ou não, formação e conservação de acervos, etc. Atualmente, há vários focos de trabalho que podem ser, de

A utilização da História Oral, como metodologia de pesquisa qualitativa, exige um conjunto de procedimentos descritos por Garnica (2003):

(...) uma pré-seleção dos depoentes – ou um critério significativo para selecioná-los – entrevistas gravadas – gravações essas que se constituirão no documento-base da pesquisa –, instâncias de transformação do documento oral em texto escrito – conjunto de processos distintamente denominado e conceituado nas investigações sob análise (fala-se em transcrição, de-gravação, transcrição e textualização) –, um momento que poderia ser chamado ‘legitimação’ – quando o documento em sua versão escrita retorna aos depoentes para conferência e posterior cessão de direitos de uso pelo pesquisador e, finalmente, um momento de ‘análise’ – certamente o de mais difícil apreensão. (GARNICA, 2003, p. 10).

Seguindo este entendimento, para as entrevistas desta pesquisa, até o momento escolhemos quatro depoentes. Depois de data e horário marcados com os colaboradores, utilizamos fichas com palavras relacionadas ao assunto e as entrevistas foram gravadas. Foram realizadas as transcrições e em seguida transformadas em textos – etapa chamada de textualização.

Apesar de não termos realizado as análises ainda, Bloch (2001, p.30) destaca que se deve estar atento a esta etapa e afirma que o objetivo da “análise histórica é compreender, e não julgar”. Segundo o autor, a história é movimento e o seu objeto é o homem em seu tempo e espaço, sendo demarcada pelos problemas sociais e pela história da própria época em que é escrita. Dessa maneira, o conhecimento histórico do passado não é fruto do estudo de casos isolados e cristalizados, mas sim, um processo que está inacabado, que se transforma e se aperfeiçoa por meio do que conhecemos do presente. No entanto, para Bloch (2001), o presente não é justificado por suas origens, mas não se pode também negligenciá-las, e nem estas justificam a permanência (de determinados fenômenos), mas permitem compreender os mecanismos que conceberam as estruturas constituídas ao longo do tempo.

Mas a História Oral, além de utilizar depoimentos que possibilitam uma composição mais nítida de cenários e paisagens da história, delineando com maior riqueza os detalhes, traz à tona outra questão que consideramos não menos

modo geral, caracterizados em Projetos distintos, mas interconectados: (1) o Projeto “Mapeamento da Formação e Atuação de Professores de Matemática no Brasil”; (2) o Projeto “Hermenêutica de Profundidade: possibilidades para a Educação Matemática” e (3) o Projeto “Narrativas e Educação Matemática”. Todos os projetos dialogam por terem como pano de fundo a exploração de possibilidades teórico-metodológicas para estudos sobre a cultura escolar e, em particular, sobre a Matemática e a Educação Matemática nessa cultura. Ainda que seus braços estejam espalhados em várias instituições brasileiras, o Grupo tem sua sede fixa na Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru. Fonte: http://www.ghoem.com/crbst_1.php

importante: o resgate da palavra, do dito, da oralidade. (GAERTNER, 2004, p. 152).

Com objetivo de retrair um dos cenários mais acentuados da cultura e história da comunidade sãomateuense e região, escolhemos utilizar como metodologia a História Oral para a nossa pesquisa, entre as suas vertentes a História Oral Temática. Percebemos que através da História Oral Temática haverá mais possibilidades de elucidar o tema que estamos investigando, cujo título já foi enunciado - A matemática escolar na época da colonização dos poloneses, em São Mateus do Sul (PR) -, trazendo à luz informações proeminentes ao conjunto da pesquisa. Segundo Alberti (2005), as entrevistas temáticas são aquelas que se acercam principalmente da participação do entrevistado no tema escolhido:

Em geral, a escolha de entrevistas temáticas é adequada para o caso de temas que tem estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como, por exemplo, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicos. Nesses casos, o tema pode ser de alguma forma "extraído" da trajetória de vida mais ampla e tornar-se centro e objeto das entrevistas. (ALBERTI, 2005, p.38)

A vida, as experiências, as lutas e as visões de mundo adquirem um novo estatuto ao serem socializadas, sendo convertidas em documentos que podem apresentar, de maneira contextualizada, outra versão da história, dando voz para que essas pessoas possam deixar registradas às próximas gerações suas memórias, sentimentos e percepções de si e dos outros. Dessa maneira, esperamos resgatar uma parte importante da história para a cultura do povo sãomateuense e outras etnias que se instalaram no Brasil.

5. Relatos das Entrevistas Realizadas e a Matemática

Muitas pessoas não percebem que a paisagem hoje constituída surgiu de histórias vividas por várias gerações. Por isso, entendemos que seja de extrema importância tentar compreender qual o papel da educação neste contexto, e quais as formas de resistência das escolas étnicas ante o processo de nacionalização. Há várias tentativas de se preservar a cultura polonesa na cidade de São Mateus do Sul, mas onde se encaixa o papel da Educação Matemática na cultura desse povo de descendência polonesa? Que valor é atribuído a ela?

Tanto pelo tema, como pela utilização da História Oral como metodologia, o trabalho de Gaertner (2004) nos traz importantes contribuições. Sua tese, intitulada “A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 e 1968, da Neue Deutsche à Fundação Universal Regional de Blumenau”, confirma que o ensino de alemão e aritmética em Blumenau no mesmo período também era prioritário nas primeiras séries de estudo, tendo o período escolar, na maioria dos estabelecimentos, duração que variava entre 4 e 6 anos.

Entrevistamos⁵ quatro pessoas para entender cenário semelhante na cidade de São Mateus do Sul. Duas colaboradoras estudaram no período antes da nacionalização – uma senhora com 100 anos e a outra com 96 anos. Outra colaboradora, com 83 anos passou pelo período de nacionalização e a quarta com 74 anos pós-nacionalização. O intuito dessas entrevistas é investigar que representação teve o ensino da Matemática para essas pessoas, e se ela foi uma linguagem significativa na vida delas.

A primeira colaboradora, dona Natália Mruz, uma senhora de 96 anos, lembrava-se da escola, da professora que era freira e severa, da caminhada de 4 km que tinha que fazer todos os dias até a escola, das aulas de teatro, das irmãs que eram muito severas e que “foi proibido depois cantar o hino e escrever em polonês nas escolas, tudo sumiu, não tinha mais escolas polonesas nada, porque quem estava no Brasil tinha que estudar só em brasileiro”. Porém, não recordava bem o que e como ela aprendeu Matemática. Para ela, teve muito mais representação as aulas de teatro do que as de Matemática, por exemplo. Encerrou sua entrevista dizendo que para viver bastante, “temos que perdoar, precisamos do perdão!”

A segunda entrevistada, dona Danuta Janoski de 83 anos, recorda que seu avô e sua família eram sócios da Sociedade-Escola Casimiro Pulaski, e algo sobre a proibição das escolas étnicas: “estudei dois anos em polonês então proibiram... O Getúlio Vargas que proibiu. Não podia mais estudar em polonês, nem falar nada, nada... Estava proibido, mas em casa a gente sempre falava. Ela relatou que “gostava de Matemática, e que tinha os ‘probleminhas’ (...) eu não me lembro se aprendi a Matemática nas duas línguas. Mas acho que só em uma língua. Mais, menos, dividir, multiplicar e os problemas. E os probleminhas tinham bastante, tão fácil era estudar a tabuada! (...) a de dez que era boa e a primeira que era boa, que era fácil! Tinha que estudar, tinha que fazer cópia, tinha que decorar pontos (...) Quando as irmãs ensinavam matemática usavam giz. Não usavam

⁵ Nos textos citados preservamos a grafia original das colaboradoras.

nenhum material concreto, elas faziam tudo direto no quadro: um mais um, é dois, dois mais dois, quatro, quatro menos um, três”.

Sobre a dificuldade da língua dona Sophia Zimny de 100 anos comentou: “tive aula em polonês e português também. No começo a gente não sabia nada, nada, porque em casa os pais só falavam em polonês, então a gente só aprendia a falar polonês. Depois quando fui para a escola foi fácil, mas depois começou a ‘macetar’, tinha o polonês e português”. Seu pai, junto com a comunidade, construiu a Sociedade Escolar do Emboque em 1934. Ele era um líder preocupado com a educação das crianças. Ela teve professores poloneses, um deles “era muito ‘nervoso’ não gostava de dar aulas para meninas, ele separava a turma, de um lado ficava a ‘piazada’ e do outro as meninas. Alguns eram severos e batiam nos alunos”.

Sobre as aulas de matemática, para ela era tudo muito simples e cita um exemplo: “Tinha livro de aritmética, mas já mais adulto, na terceira e na quarta, no primeiro não. Era só assim, só aprender as letras. Uma vez perguntaram a um colega, quantos dedos você tem? Ele não sabia nem contar, 1, 2, 3, 4... bom, então se você tem 5 balas, vem dois amigos e querem essas balas, como é que você vai repartir? Ah, eu dou duas pra um, e duas pra outro, e uma vai sobrar pra você, né? Uma bala... É, mas daí como é que faz pra dar certo? Você tem que tirar. Nós sabíamos por que era muito simples, mas valeu...”.

Já a última colaboradora quando criança lembra-se das aulas de matemática das Irmãs Vicentinas: “para ensinar matemática as irmãs não trabalhavam com material concreto. A única coisa que tinha era um dadão - um dado grande - e uma vez a cada quinze dias, numa quinta-feira, elas estimulavam, por exemplo, soltavam um, dois, então sempre o número maior ficava de um lado e fazia todas as contas que davam para dividir, multiplicar ou dava para somar. Com aqueles dados elas trabalhavam tudo, a gente trabalhava matemática. Elas iam jogando e faziam a multiplicação. Por exemplo, num deu 6 e no outro deu 4, era 6×4 , 4×6 e isso dividido por aquilo. Uma vez jogava e multiplicava, outra vez dividia, às vezes somava e subtraía. Então, trabalhava-se as quatro operações, com os dados”. Ensinavam os probleminhas e “trabalhava-se muito também assim com medida de terreno, era alqueire, litro, quarta. Hoje é tudo metro quadrado, né? Não se comprava nas colônias por quilo. Eram outras medidas”.

Já na época em que foi professora no Emboque, contou-nos que mesmo nos anos 60, 70, ainda tinha que ministrar as aulas muitas vezes de forma bilíngue, pois muitos pais mantinham em suas casas a língua. Então aprendeu a língua polonesa “Quando eu ensinava

falava em polonês, só que não escrevia porque nunca me arrisquei a ensinar errado. E *jajko, jajko é ovo, a dúzia é tuzin. Um pão pequeno é burca* e assim por diante, trigo é *pszenica*, me acostumei tanto que depois eu já estava falando bem”. Ela relata que utilizava material concreto para lecionar matemática, vindo da realidade das crianças, como coquinhos e varetas que recolhiam no mato no caminho para a escola.

6. Considerações Iniciais

Das muitas histórias ocorridas no Brasil, talvez a vinda dos imigrantes não tenha tido o mesmo enfoque que outras, não tenha sido tema de muitos livros e filmes, porém, em nossa pesquisa, pudemos perceber a dimensão do sofrimento desses povos como poloneses, alemães, italianos, japoneses, em busca de um lugar melhor, às vezes prometido como paraíso, para viver e abrigar as famílias. No caso da vinda dos poloneses, depois de erguida a igreja e mantida a fé, era a vez de pensar em um lugar para alfabetizar os filhos.

A Aritmética era o principal ramo da Matemática nesta época e tinha como principal enfoque o aprendizado das quatro operações fundamentais, os problemas e a tabuada relatados pelas depoentes nas entrevistas. Realizavam-se exames, chamados de sabatinas, os primeiros professores eram poloneses, raro era encontrar algum que fosse formado, pois da Polônia vieram quase 90% de camponeses, faltavam pessoas ditas intelectuais como médicos, advogados e professores. Por isso, nos primórdios da colonização, selecionava-se uma pessoa que sabia pelo menos ler e escrever para ensinar às crianças as primeiras letras. Elas, por sua vez, andavam quilômetros para poder estudar ou paravam na casa dos parentes mais próximos à escola. As Irmãs Vicentinas, como professoras, foram peças fundamentais para elencar o ensino no município de São Mateus do Sul. Apesar das marcas da infância e, muitas vezes, da vida sofrida dessas pessoas, uma frase destacou-se: “para vivermos bastante precisamos perdoar, precisamos do perdão!”

É nessa conjuntura e estes fatores que nos incitam cada vez mais a persistirmos nesta investigação. Não estamos à procura de verdades, mas de variações da história que nos permitam compreender melhor o que ocorreu, localmente, no final do século XIX e início do século XX, esperando abordar desta maneira também um melhor entendimento sobre a História da Educação Matemática brasileira.

Referências

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 3 ed., 2005

ANAIS DA COMUNIDADE BRASILEIRO-POLONESA. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1970. vol. I, 130 p.

_____ Curitiba: Gráfica Imprimax, Curitiba, 1971, vol. III, 127 p.

BLOCH, M. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GAERTNER, R. **A Matemática Escolar em Blumenau (SC) no Período de 1889 a 1968: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau** (Tese de doutorado). Rio Claro, 2004.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. In: **Zetetiké**. Campinas: Unicamp v.11, n19, jan/jun. 2003.

GLUCHOWSKI, K. **Os poloneses no Brasil**: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Tradução de Mariano Kawka. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

IAROCHINSKI, U. **Saga dos Polacos**. Edição do Autor. Curitiba, 2000

JORNAL 2º DIÁRIO DA TARDE, nº 12969, Curitiba, 4ª feira, 20 abr. 1938.

RENCK, V. E. **Aprendi a falar português na escola!** O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná. (Tese de Doutorado). Curitiba: UFPR, 2009.

SOUZA, I. O. **Reconstrução da cultura polonesa no município de São Mateus do Sul – 1971-2000**. Monografia. Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras, União da Vitória, 2001

STANISZEWKI, A.M.K. **Estudo sobre a cultura da comunidade polonesa no município de São Mateus do Sul**. Curitiba, Vicentina, 2006

WACHOWICZ, R. C. **As escolas da colonização polonesa no Brasil**. Curitiba, Champagnat, 2002.

